

O TRABALHO COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO?



Etapa da produção textual: escrita da versão inicial do texto.

Este texto foi escrito por professores e futuros professores do ensino básico de Timor-Leste, durante uma atividade de produção textual na disciplina de Língua Portuguesa IV da Classe de Extensão, Departamento de Formação de professores da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. As linhas a seguir permitem uma aproximação com aquilo que viveram (vivem) os principais atores no processo de reintrodução da língua portuguesa nos ambientes de ensino de Timor, os professores. Suas dificuldades, motivações e expectativas são descritas em meio a uma história que teve início há mais de quinhentos anos e que se entrelaça, diariamente, à prática pedagógica desses timorenses.

A língua portuguesa em Timor-Leste foi introduzida com a chegada dos portugueses, em 1515. Os portugueses chegaram neste país por causa do sândalo (planta de origem de Timor que tinha valor econômico muito alto e atraía os burgueses com a troca de seda/cerâmica e outros produtos conforme a necessidade). Começaram então a introduzir a sua língua nas comunicações diárias com o povo timorense no mundo do comércio. Assim, a língua portuguesa está fortemente ligada à história de Timor, e teve papel importante durante o processo de resistência à ocupação Indonésia, sendo utilizada para troca de informações e estratégias políticas.

Utilizada como meio de comunicação entre os membros da resistência timorense, tanto no território (as forças da guerrilha a utilizavam para comunicação com exterior e até entre as próprias forças no mato) como no estrangeiro e, por conta de sua utilização no período colonial, como meio de comunicação entre os portugueses e os nossos antepassados na administração e no comércio, a constituição da República Democrática de Timor-Leste a adotou como língua oficial no ano de 2002. Como cidadãos timorenses, devemos utilizá-la e desenvolvê-la, pois é oficializada pela constituição e por ser parte da nossa identidade, apesar de poucos timorenses compreenderem e falarem essa língua.

O ano 2000, em outubro, marca uma nova história em Timor-Leste. As crianças, os jovens, os professores e toda a comunidade em geral na área educacional dão início a um novo ano de escolaridade no contexto de liberdade, de alegria e de esperança. O papel dos professores na época de transição foi um dilema. A infraestrutura das escolas estava em cinzas, os invasores tinham queimado os manuais didáticos antes de regressarem à terra natal, e o destino dos professores em Timor não tinha definição. Nesse contexto, iniciamos do zero. No ensino secundário ainda era utilizada a língua

indonésia no processo de aprendizagem, pois os professores que lecionavam nesse nível de ensino foram licenciados na Indonésia ou obtiveram cursos em bahasa indonésia.

Sendo assim, não estávamos preparados para dar aula em língua portuguesa, porque a maioria de nós tinha a formação no tempo da invasão Indonésia e dominávamos mais a língua desse país. Contudo, o português não era uma língua desconhecida por nós, porque muitas palavras encontram-se na língua tétum, como por exemplo, “kadeira”, “janela”, “kumprimenta”, “kuidadu”, “escola”, “livro”, etc., e isso facilita na compreensão da língua portuguesa. Ensinávamos, então, apoiados na revista “Lafaek”, uma revista bilingue (tétum, português). Além disso, tivemos formação ou cursos como: alfabetização e desenvolvimento da língua portuguesa, oficinas e cursos intensivos com duração de três meses para cada nível. Havia também, outros cursos com duração em geral de seis meses e um curso com duração de um ano e dois meses, era o curso complementar com os professores portugueses que ocorria nos municípios de Timor-Leste. No ano de 2012 e 2013 o governo deu a última chance para os professores realizarem o curso complementar de equivalência ao Bacharelato durante um ano e meio em todo território de Timor-Leste.

Porém, as medidas tomadas pelo governo para reintroduzir a língua portuguesa no ensino em nosso país e para melhorar a carreira dos docentes timorenses não foram eficazes. O povo timorense escolheu a língua portuguesa para ser a língua oficial no país. Para os professores que estudaram no tempo do colonialismo português essa escolha não afeta tanto, pois eles sabem falar essa língua e podem ensiná-la. Já para os professores que nasceram no período de domínio indonésio é muito difícil, porque durante 24 anos estudaram em bahasa indonésia e nunca em língua portuguesa.

Na realidade, em Timor-Leste, hoje em dia a maioria de nós, professores, para explicar os conteúdos ainda utiliza a língua tétum porque é uma língua conhecida por nós. Sendo assim, enfrentamos um grande desafio porque geralmente dentro da sala de aula temos os livros didáticos de língua portuguesa, porém, como não dominamos essa língua, como podemos explicar para as crianças entenderem melhor? Por isso usamos a língua tétum no dia a dia na sala de aula, porque também não dominamos a gramática da língua portuguesa.

Nas salas de aula há alunos com níveis de conhecimento diferentes. Ou seja, alguns têm mais facilidade e outros apresentam dificuldades. Em relação ao aprendizado do português, nós, professores, precisamos utilizar métodos e exercícios variados observando o desenvolvimento da oralidade, da escuta, da leitura e da produção escrita. A dificuldade dos alunos com a língua portuguesa se deve, principalmente, a essa língua ser utilizada somente na sala de aula, enquanto fora da escola os alunos falam a língua materna ou em geral o tétum. Essa situação desmotiva o aluno a aprender português e provoca, muitas vezes, o desinteresse em comunicar-se nessa língua. Esses fatores podem prejudicar o processo de ensino e aprendizagem na escola e obrigam o professor a falar tétum quando ensina em língua portuguesa.

Além da dificuldade com a língua portuguesa, em nosso trabalho diário sempre enfrentamos muitos problemas, por exemplo, o número de alunos nas salas de aula é muito elevado. Nesse caso, um professor não é suficiente para ensinar os alunos nas escolas, faltam professores para dar assistência àqueles que têm mais dificuldades. Outra deficiência é a falta de água para suprir as necessidades higiênicas. A sala de aula carece também de eletricidade. A energia elétrica tem muitas funções, e sem ela não há iluminação, ventoinhas nas salas, recurso como áudio para usar nas aulas, etc. Os móveis nas salas não são suficientes e encontram-se, em sua maioria, em estado não satisfatório. A infraestrutura dos locais de ensino é precária e em algumas escolas nem todos os espaços são utilizados. Ainda faltam professores para educação física, e, por conta disso, muitas vezes os alunos ficam sem realizar essa prática. Outro problema são os professores voluntários e contratados que ainda não têm seus direitos considerados pelo Ministério da Educação.

Em relação ao que foi exposto, gostaríamos de deixar algumas sugestões para mostrar o que deveria ser feito por nós e que poderia melhorar o nosso trabalho com os estudantes. O governo poderia criar mais formações para difundir a língua portuguesa na área da educação e também criar bibliotecas com livros de apoio para os alunos e os professores em língua tétum e português. Os professores precisam saber e aprofundar mais a língua portuguesa para poder ensinar os alunos.

O governo deveria criar um ambiente favorável para realizar o processo de ensino e aprendizagem. Nas salas de aulas, ainda faltam muitas coisas como carteiras, mesas, armários, portas, janelas, quadro, material didático, os livros de cada disciplina, o saneamento não tem casa de banho e não tem energia elétrica para completar as necessidades. O ambiente da escola que queremos propor para o governo é aquele em que os professores, os alunos, os pais e a sociedade colaborem entre si e deem as mãos juntos para preparar uma escola em que os professores ensinam, os alunos aprendem, os pais participam e todos fazem sua parte.

Por isso o governo de Timor-Leste, através do Ministério da Educação, poderia ajudar com contribuições dos professores vindos de outros países lusófonos, para nos dar a formação em língua portuguesa. Acreditamos que quando nós temos boa vontade e nos esforçamos, futuramente podemos melhorar nosso trabalho com a língua portuguesa nos ambientes escolares de Timor.



Alunos do IV Semestre da Classe de Extensão, UNTL

Texto escrito pelos alunos do IV semestre da Classe de Extensão, UNTL.

Organizado por Joice Elói Guimarães

Professora de Língua Portuguesa (PQLP/CAPES)